

“ADOÇÃO”

Filhos sem Pais e Pais sem Filhos: ambos precisam ser acolhidos.

Edna G. Levy

Nos dias de hoje, a adoção é exercida com maior naturalidade do que em tempos passados, em que havia a pecha da vergonha impelindo as famílias a esconder a origem de seus filhos, ou melhor, tentava-se esconder de tudo e de todos, até que um belo dia... a confirmação chegava aos ouvidos do/a filho/a adotivo/a. E nesse momento, em condições desvantajosas pela descoberta do segredo familiar, a família era obrigada a confrontar-se com seus medos e angústias, e a lutar para reconquistar a confiança perdida diante da descoberta da adoção.

Segundo o Dicionário Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, adoção significa **“aceitação voluntária e legal de uma criança como filho, perfilhação”**.

Há uma grande preocupação com as crianças, e ninguém pode negar a importância deste lado da questão da adoção, mas tão importante quanto olharmos o bem-estar das crianças é olharmos com acolhimento para os “aspirantes a pais.”

Fala-se que, na **história das famílias adotivas**, as feridas centrais são o **abandono e a rejeição**, primeiro relativamente à criança, o que gera uma marca indelével de **quebra de vínculos** afetivos; segundo, o medo dos pais

adotivos de serem abandonados ou rejeitados no futuro, quando seus filhos quiserem buscar suas origens.

Mas na experiência vivida, a adoção envolve muito mais do que o conceito jurídico de perfilhar, pois se assim não fosse as clínicas psicológicas não estariam cheias de casos de pais biológicos que não conseguiram “adotar” seus próprios filhos, sendo o inverso igualmente verdadeiro. Observam-se constantemente filhos biológicos que não adotaram seus pais biológicos. O filho biológico, com o **vínculo de sangue, não traz consigo a garantia de sentir-se aceito**, assumido, acolhido e amado, o mesmo ocorrendo em relação a seus sentimentos pelos pais, ou sua afinidade com eles.

Os “aspirantes a pais” também precisam receber proteção e cuidado emocional, na busca das razões que os impulsionam a perseguir o projeto da adoção, no sentido de terem **consciência** de que **razões subjetivas** os movem no plano de se tornarem pais, pois as razões objetivas são óbvias e claras para todos.

As **motivações da adoção** são de suma importância, pois podem ser determinantes do sucesso ou fracasso da relação familiar, gerando conseqüências psicológicas danosas para ambos os lados.

É preciso descartar as motivações que dão margem a uma interpretação ambígua, tais como:

- as **filantrópicas**, que por princípio já são grande equívoco, pois seu foco está no amor à humanidade e não a UM SER individual, com suas particularidades;
- o preenchimento de grandes **lacunas emocionais**, como a perda de um filho querido; preencher o vazio interior ou concreto da vida de alguém; a

tarefa de salvar um casamento que está naufragando, ou até a hipotética garantia de cuidados e companhia na velhice; etc.

uma criança ou adolescente não pode chegar a uma família incumbido de uma destas missões, pois o peso da responsabilidade de resolver qualquer problema do casal provavelmente arruinaria o relacionamento.

Entre os aspirantes a pais, é comum observarem-se **casais desgastados** e **exauridos** física, financeira e psiquicamente, em consequência dos **tratamentos de fertilização**, aliados ao **sonho frustrado** de constituir a **família idealizada** e à **cobrança social e familiar** de “**ter que**” ter filhos.

Embora possa parecer absurdo, o **juízo**, o **preconceito** e a **rejeição da sociedade podem ser inflexíveis** para com os **casais** que crêem que se bastarão enquanto **célula familiar** e assumam que não precisam ou desejam viver a experiência da maternidade/paternidade.

Há sempre a pergunta que não quer calar... “*Quando vocês terão filhos? O tempo está passando!*”; ou então o casal amigo, com sua prole: “*Por que vocês não adotam uma criança?... Pais são aqueles que criam e amam do mesmo jeito!*”.

É preciso parar para refletir: será que este casal, no mais íntimo do seu ser, deseja viver a experiência da paternidade? E se pensa em adoção, tem consciência do papel para o qual este filho está destinado?

Portanto, as faltas, as lacunas emocionais, frustrações e carências estão presentes em ambos os lados: nos filhos sem pais e nos pais sem filhos, ambos precisando ser acolhidos.

Da mesma forma, não podemos esquecer as **fantasias e ambivalências**, com relação a que lugar **estes pais ocuparão na vida** de **seus futuros filhos**, muitas vezes se qualificando como **“menos pais”** do que qualquer casal de pais biológicos, em consequência do possível **sentimento de inferioridade** decorrente da incapacidade de gerar filhos; outras vezes, esta incapacidade física é vivida como uma **punição** por um aborto praticado, ou como uma denúncia do que pensam ser uma **“deformação psicológica”**, por não sentirem desejo ou aptidão para viver este papel. Só neste pequeno vislumbre percebemos que a adoção traz à tona múltiplos sentimentos, às vezes antagônicos e paradoxais.

Os equívocos ou falta de êxito não acontecem deliberadamente. Quando um casal se candidata à adoção, acredita verdadeiramente que este é o seu desejo maior e que está pronto para isso, muito embora, com o passar do tempo e a dor das dificuldades, por vezes se dê conta de que essa não era a realidade. Mas este **desacerto** nada tem a ver com falta de amor, e sim com **falta de auto-conhecimento e/ou do outro**, ou ainda das **verdadeiras necessidades emocionais do casal**.

Enfim, é preciso estar conectado com as necessidades “da alma” e agir impulsionado pelo **significado emocional da adoção**, de acordo com os princípios da essência verdadeira, o “eu” interior.

O filho adotivo, assim como seus pais, não tem um **período de preparação** para elaborar a nova estrutura familiar, pois sua chegada à família, via de regra, acontece de forma abrupta e inesperada. Assim, a elaboração da nova estrutura familiar é construída durante o desenvolvimento da relação pai-mãe-filho, já em pleno desempenho do papel de Pai-Mãe, sendo que o



vínculo afetivo se estabelece com a convivência, assim como ocorre na relação entre filhos e pais biológicos.

Dedicar-se profundamente à descoberta do significado emocional da adoção simboliza a “**gestação emocional**” para o casal adotante - pai e mãe se preparam para receber o novo membro da família.

Esse período de **gestação simbólica** propicia ao casal a oportunidade de **conceber** este projeto de vida, que envolve a escolha, a opção e a aceitação de um ser único, diferente na genética e tão igual na busca por ser eleito e adotado; **elaborar** as motivações de cada um, os medos, fantasias e frustrações, assim como os sonhos e idealizações; **produzir** uma ação curadora e preventiva, que possibilitará um maior êxito na adoção realizada de forma madura. E ainda, que tal qual em um **parto induzido**, aquele cujo trabalho é provocado por meios instrumentais, este é induzido pela reflexão e auto-conhecimento, elementos fundamentais para esta forma de **dar à luz a pais adotantes plenos**, conscientes, e mais preparados para uma das grandes aventuras da vida: a parceria de pais & filhos.

EDNA G. LEVY, Psicóloga e Analista Junguiana, membro da International Association for Analytical Psychology-IAAP, membro da Associação Junguiana do Brasil-AJB e membro do Instituto Junguiano de São Paulo-IJUSP.

E-mail: ednalevy@jogodeareia.com.br;

Web site: www.jogodeareia.com.br